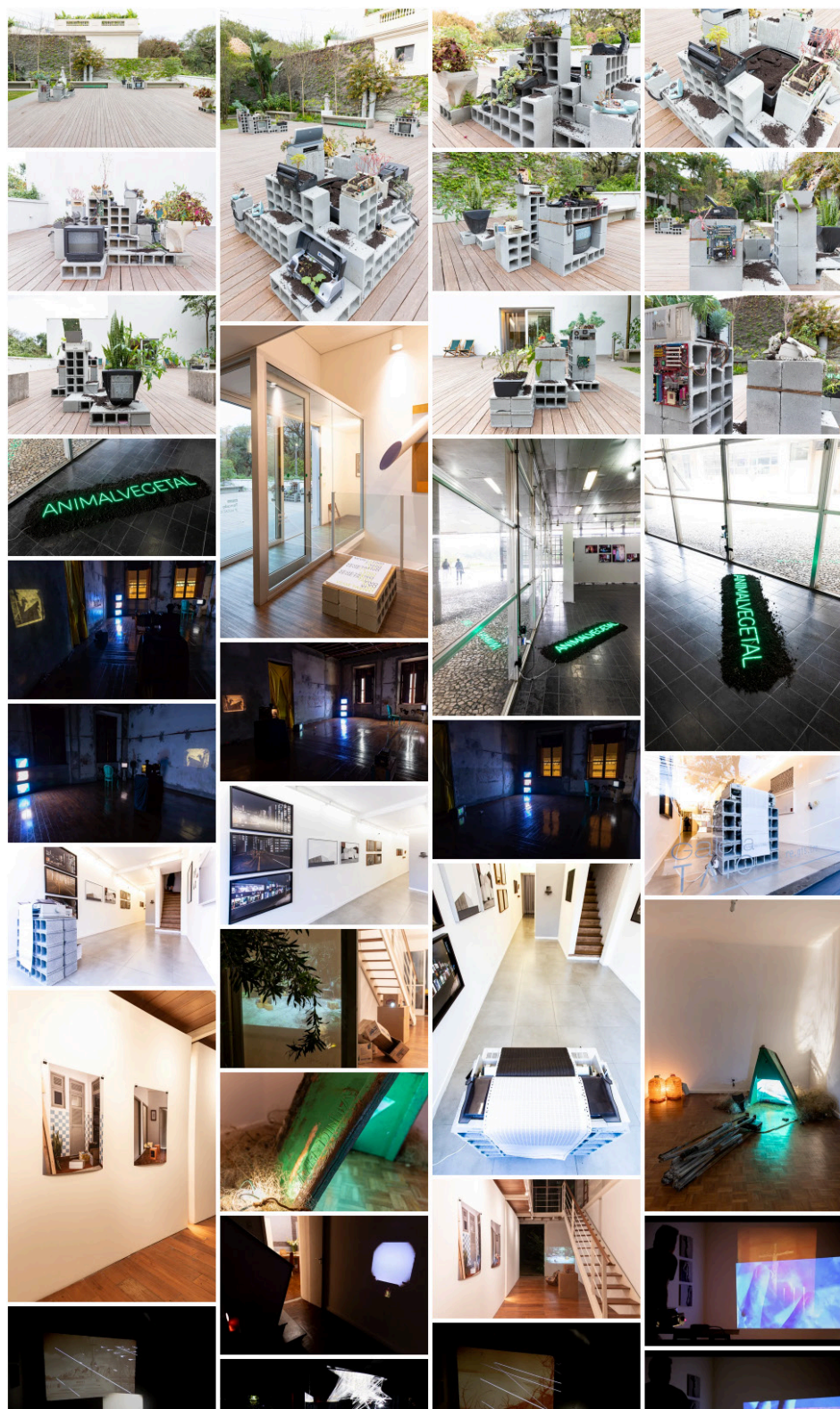


Jp Accacio
textos e ensaios



Em 2015, a bióloga e teórica feminista Donna Haraway declarou: “Nenhuma espécie, nem mesmo a nossa própria – essa espécie arrogante que finge ser constituída de bons indivíduos nos chamados roteiros Ocidentais modernos – age sozinha”. Quase dez anos se passaram e ainda seu texto nos parece tão atual, dada a consciência que explicita sobre o fazer conjunto que rege as relações humanas e não-humanas na Terra.

Haraway defende, grosso modo, que devemos estabelecer relações de parentesco entre seres de diferentes espécies, criando assim redes de cooperação que conectam humanos, plantas, animais, fungos, bactérias etc. Seres possuem formas de transformação do Planeta que podem ser compartilhadas, apreendidas e trocadas.

Nesse aspecto, podemos pensar que a tecnologia humana – nosso conjunto de técnicas, habilidades, métodos e processos empregados na transformação da realidade – pode ser combinada aos modos de fazer de outros indivíduos, num esforço colaborativo que vise benefícios para todos. Essa iniciativa, comum entre diversos seres, poderia ser mais bem compreendida por nós, se nos distanciássemos da ideia predatória de domínio total de nossos “parentes”.

Nesta exposição, JP Accacio endereça as colaborações – ou a ausência delas – entre humanos e plantas, construindo assim um cenário distópico para os primeiros diante do potencial renovador de sobrevivência dos segundos. Assim, carcaças de computadores e equipamentos eletrônicos são incorporados por plantas, numa “tomada” da natureza sobre a realidade.

O ciclo obsoleto desses aparatos é responsável por sua própria decadência; portanto, as plantas apenas se apossam daquilo que está, por princípio, abandonado e inerte. Nesse encontro entre seres, vislumbramos momentos poéticos nos quais o termo “vegetativo”, usado comumente para designar aquilo que não tem consciência de si, é virado do avesso, indicando a inteligência que parece existir na existência consistente, ainda que imóvel, das plantas.

Entre jardins-cemitérios e colunas, o artista articula sua visão floresta-metamorfose com fotos, esculturas, objetos e site-specifics arranjados com plantas e carcaças eletrônicas que, juntas, tomam o cubo branco silenciosamente, emulando o modo obstinado de permanecer de nossos parentes verdes. Nessa invasão, o artista é meio gente, meio planta - um [ANIMALVEGETAL](#) – aprendendo, apreendendo e repetindo os procedimentos de seus “semelhantes”.

Ana Avelar

Professora de Teoria, Crítica e História da Arte na Universidade de Brasília (UnB)

Um instantâneo

Volta pra casa. Não sei bem se foi esse título, que imediatamente me levou à Odisséia, se foi a vocação francamente narrativa de alguns dos trabalhos em exposição (como aquele que mostra uma sequência de imagens projetadas que registram mudanças de domicílio) ou o título específico de um dos trabalhos, “Pergunte ao Pó”, famoso romance de John Fante. Mas o fato é que vejo aqui uma história sendo escrita por JP Accacio. Alguns desses fragmentos - capítulos mais ou menos acabados, rascunhos, anotações - podem ser vistos, por hora, nessa exposição-bazar-evento, fruto de uma residência na Casa Amélia.

Segundo me contou o autor-artista - num relato cujo estatuto, arrisco dizer, não difere muito das outras coisas que ele expõe - a história tem início em 2015, data do falecimento de seu pai, acontecimento cujo impacto o faria despertar do torpor com que usualmente levamos a vida.

Neste ponto de seu relato, lembrei-me de algo que eu mesma havia escrito para uma amiga que mora longe, quando perdi uma pessoa próxima: “É como se um continente desaparecesse do mapa”. Curioso o fato de que a ausência de alguém fosse descrita como o sumiço de um território num mapa já muito conhecido. Ainda na toada das lembranças de algumas obras literárias as quais parto para escrever esse instantâneo, me vem o livro “Minha casa é onde estou”, que se inicia com um belo desenho feito por diversas mãos de uma cidade que não existe mais. A cidade da infância da autora Igiaba Scego.

A família em que fomos criados, os imóveis nos quais crescemos, a cidade que habitamos, nossa língua materna, os amigos que nos acompanham e os objetos que carregamos. Esses elementos todos - e talvez outros que agora me escapam - são trançados, amalgamados, justapostos quando refletimos sobre a ideia de “casa” contida nas expressões “sentir-se em casa”, “voltar para casa”. Esses elementos também são aqueles que se evidenciam nas construções e arranjos que o artista nos mostra nesta ocasião. Os produtos de uso pessoal que estão à venda guardam marcas de um percurso, as imagens projetadas e impressas mostram instantes de um trânsito contínuo a que todos os viventes são submetidos (imersos que estamos no devir temporal), os objetos - que podem ser apreendidos (ou não) como obras - embalam, isto é, provém o conforto e o cuidado necessários à manutenção da vida. Tanto no caso das caixas de papelão e fitas adesivas que protegem nossos pertences numa mudança, quanto no dos remédios que induzem ao sono, regulando os ciclos de sono e vigília tão necessários para seguirmos em frente.

Numa experiência de desprendimento, operando por subtrações e trabalhando com resíduos, o artista-autor JP Accacio parece colocar-se - ora por vontade própria, ora por falta de opção - numa posição em que seja capaz de poder formular a pergunta: “quais são os meus alicerces?”

Se é que este alicerce existe. Se é que não somos poeira levada pelo vento ao sabor das intempéries. Uma pergunta radical, que leva a gestos igualmente radicais.

Thais Rivitti

Crítica de arte e curadora, há seis anos dirige o espaço de arte independente Ateliê397

PRECISAMOS FALAR DE TUDO ISSO

A partir de TOMADA, Jp Accacio declara sua empatia pela ideia de uma "inteligência vegetal". Jp endossa a ideia de que há muitas boas razões para se imitar o reino vegetal. Ou para se buscar uma outra referência, menos tecnocrática. Ou para que se possa enxergar na natureza uma melhor referência (mais assertiva, mais nobre e sofisticada) para os sistemas que nos rodeiam. As premissas dessas colocações passaram a pendular em especulações, obras convergentes e suposições (mais ou menos) científicas. Até que me vi em um diálogo que se desconectou das conversas iniciais e se tornou imaginário, estabelecido com vozes internas, com pensamentos que vagam pelas redes, com dúvidas que nos rodeiam, com sistemas que 'obsolescem' à nossa volta. Ou seja, TOMADA é um conjunto de experimentos que nos convida a aprofundar essa discussão, a partir de referências em comum, entre texto e obras, em meio a experiências cruzadas.

Precisamos falar de tudo isso. Sim, mesmo que algo pareça deslocado.

_ Ah, mas até vocês, tão céticos e sempre tão adeptos das tecnologias?

Não, não é por conveniência. É por urgência, por necessidade coletiva. Há mais do que confluências em comum quando tantos de nós passamos a falar de floresta, de micélio, de ancestralidade, de sermos-natureza, de kopenawa-krenak, de sonhos, ritos, Gaya, cosmogonia.

_ E a tecnologia a ver com tudo isso? E esse discurso que mistura assuntos e áreas tão diferentes?

Já é. Estamos inoculados por muitas variantes contagiosas. Somos 'plantados' por muitas espécies. Estamos sequestrados por máquinas de ver, tecnologias de muitas guerras, sistemas perversos e incessantes de coletas de dados. E tudo falha ou erra ou se torna obsoleto. As obsolescências são introjetadas em nós, estão plantadas em nossa vida através do nosso próprio consumo.

A relação entre pertencimento, participação e consumo acontece entre uma tecnologia e outra, entre a construção social e o capital. Nestor Canclini fala disso, de como "expandiram a noção de cidadania, incorporando práticas de consumo ao seu exercício" (2008). Exatamente através das novas tecnologias de comunicação, que nós, vocês, todos nós, utilizamos.

Então veja, há um consumo plantado. Há uma vida mineralizada dentro dos dispositivos de comunicação. Há natureza na técnica, há técnica na natureza. Os reinos se intercambiam. Há vidas impressas nas rochas. Há vidas subtraídas nos minerais.

_ Mas há uma tecnologia vegetal? Não parece plausível. E havendo, ela não se tornaria obsoleta, como toda tecnologia?

Quem somos nós aqui a dizer com tanta clareza, mas sim, tudo à nossa volta adoece ou obsolece. Ou enfraquece ou se transforma ou se perde. Ou se precariza. Isso sim. Entre o vegetal e o tecnológico, assim como entre a economia, o social, o digital e o informacional, há mais que metáforas. Mesmo que a obsolescência não seja programada, como na era industrial, mesmo que não haja conspiração ou má ingerência, o defeito vem, a corrosão acontece: as ligas se rompem, o cristal se trinca, o eletrolítico vaza, o circuito se oxida, o programa não sobe, a funcionalidade desaparece, o sistema se corrompe. O erro acontece, o erro se repete. O mal estar nesta nossa civilização vai prevalecer.

Pois a civilização... ah, sequer a civilização é uma definição que se sustenta. Pois não foi a chamada civilização que produziu guerras sem fim contra os chamados bárbaros, os ditos não-civilizados, "com o objetivo de transformá-los em civilizados"? Pois assim talvez, permitiram que integrassem "o clube da humanidade" (Krenak, 2019). Há novas fronteiras, há formas atípicas de habitar o tempo e o espaço.

_ Tudo isso é especulação, malabarismo improdutivo, uma aproximação entre teorias que não se encaixam, assim como uma planta não pode nascer de uma placa de circuito integrado.

Talvez. Mas é preciso admitir especulações de ordem criativa. São muitos a fabularem sobre a cognição lenta e sem pressa de seres vegetais, sobre o entendimento da natureza como organização e referência para campos até então improváveis. Sobre o quanto a biomimética atravessa tantas outras práticas e se adentra em áreas tecnocêntricas. Sobre o quanto, por exemplo, a complexidade da comunicação baseada na estigmergia¹ expõe uma inteligência que não admitíamos no mundo vegetal. Um entendimento para além do conhecimento biológico e classificatório (Mancuso, 2019). E o que dizer de redes híbridas como os tais micélios, aquela espécie de "internet natural" formada por emaranhados de pequenos filamentos que une vegetais a redes de fungos, que ajuda a "conectar" diferentes plantas no mesmo solo, por quilômetros quadrados. São interfaces entre reinos, são formas de inteligência híbrida, expandida.

¹ Técnica típica de sistemas sem controle centralizado, que adota as mudanças do ambiente como ferramenta de comunicação. Exemplos típicos de estigmergia têm sido observados na natureza no caso de formigas ou cupins, que, movidos por traços químicos de feromônios, executam trabalhos muito complexos.

Nas reflexões envolvendo tecnologias e inteligências transversais, estamos bem acompanhados ao duvidar, por exemplo, da condição “desnaturalizante” da tecnologia. Donna Haraway propôs, já tem bom tempo, compreender a natureza como algo que é “concomitantemente, ficção e fato real” (1992). É um pensamento que destitui a máquina como possuidora de um papel construtor ativo dos “objetos científicos naturais” e institui a natureza como “o lugar destinado à reconstrução da cultura pública” (Haraway, 1992). São construções discursivas, sim, mas ela mesma, a autora, ressalva que, diferentemente de outros corpos científicos, os naturais não são uma construção ideológica.

Um pouco máquina, um pouco natureza, um pouco humano, um pouco vegetal, um pouco droga, um pouco salada, um pouco sol, um pouco sombra, um pouco gente, um pouco monstro, um pouco Deckard (primeiro humano quase replicante) um pouco Rachael (última replicante quase humana), assim eles inventarão outra espécie de amor². Um além dos Ulisses e das Penélopes: um amor não tão demasiadamente humano. “Montagens desintoxicadas do vício de redução do desejo de mundo a um objeto-pessoa ou uma pessoa-objeto” (Rolnik, 1988). Assim nos salvaríamos.

_ Seria a ciência, ou esse tipo de ciência, uma ficção? Seria como afirmar a existência de uma tecnologia vegetal, um argumento científico-filosófico improvável.

Dizíamos que a natureza imaginativa da ciência é mais que uma ficção, pelo menos em sua complexidade filosófica. “A imaginação é mais importante que o conhecimento, porque o conhecimento é limitado, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro” (referência da citação omitida propositalmente). O embate entre o humano e a máquina nos rendeu a fabulação, um percurso amplo entre literatura, filosofia, geologia, biologia, astronomia, engenharia e arte. A imaginação científica fez entender a maçã de Newton, fez revelar a fotografia, fez sofisticar o cinema, fez surgir os autômatos, a passarola de Bartolomeu de Gusmão, a máquina analítica de Ada Lovelace, as animações bio-fisiológicas de Wilhem Pfeffer, a relatividade de Einstein, as leis de Asimov, o teste de Turing, as ovelhas elétricas de Phillip K. Dick, o bioeletromagnetismo de Galvani, as TV Garden de Paik, a coelha Alba de Eduardo Kac, os sapos mecatrônicos de Garnet Hertz, o Alerting Infrastructure, de Jonah Brucker-Cohen, o videodrome e o game Existenz de Cronenberg, as próteses de Stelarc, os robôs de Zaven Paré, as esculturas cinéticas de Theo Jansen... (a continuar exemplos). Pensar um humano-planta, um bicho-máquina ou uma máquina-planta? Esses são anômalos e inapropriados bem vindos em campos fronteiriços, impuros como é o da arte. Mas não podemos deixar de insistir em acrescentar à arte e a esses pensamentos inoportunos, a mestiçagem, como uma condição além do que queria Serres, “ambígua, delicada, inefável, irracional e diferente dos padrões de racionalidade” (Serres, 1993), mas também a mestiçagem, nas

² Referência a Blade Runner, em Uma nova suavidade?, texto de Suely Rolnik no livro escrito com Guattari: “Micropolíticas – Cartografias do Desejo”, Disponível em <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Novasuavidade.pdf>

origens, nas referências, nos horizontes, na vida do dia-a-dia, em formas de fazer e ver, efetivamente plurais.

_ Opa, tem um discurso ideológico aí, tem pauta identitária nas entrelinhas, qual a necessidade de afirmações politicamente corretas a essa altura?

Pois veja nossa falência social, sinta a tragédia que envolve a todos. Vivemos novos conflitos encravados em nossos antigos paradoxos: o sentido de construir para destruir, o que já nasce morto, o fóssil como gêmeo do feto. De novo, “aqui tudo parece que era ainda construção e já é ruína”, em versos Caetânicos, onde e quando nada continua, tudo está fora da ordem, e assim reverbera ainda hoje o lamento de Levi-Strauss pela nossa falência, pela ganância de nossos condutores, em nome de um progresso ardid, em um futuro prometido, eternamente adiado.

No clima das influências, para além das influências do clima, medidas pela meteorologia das atmosferas, por fatores ditos naturais, hoje falecemos por determinação do capital. Pelo capitaloceno.

Precisamos de outros modelos. Precisamos deixar de nos estagnar diante dos sintomas mórbidos que atravessam nossas vidas. Precisamos fazer um novo poder nascer.³ Haveria destruição “correta”?

_ E essas obras estranhas? Alguém quer, quem compra? Os curadores e museus não parecem interessados em enfrentar os problemas técnicos ou de obsolescência tecnológica de uma obra. Estarão dispostos a enfrentar a fragilidade vegetal, a responsabilidade de cuidar de uma vida?

Em algumas dessas obras, vemos o improvável tomar forma: vemos plantas surgindo de carcaças de equipamentos de comunicação. São tralhas em desuso, aparelhos quebrados, obsoletos. As plantas são vidas que nascem de muito pouco, são formas intrépidas, valentes, daninhas, que se apoderam do plástico, das placas de circuito integrado, dos componentes minerais. Como provoca Giselle Beiguelman “toda erva daninha é um ser rebelde” em sua exposição Botânica Tirânica⁴. O que resiste ostenta vida. Pois as condições são cada vez mais difíceis e se valem de tecnologias que tanto ajudam como atrapalham a vida. É nesse sentido que a mistura entre o eletrônico e o vegetal evoca improbabilidades, mas faz notar o que é vivo “por natureza”.

Mas um meio qualquer, que sobrevive, guarda linguagens, guarda conhecimentos. Um meio que morre deixa a linguagem sem lugar. E os meios, as tecnologias, as mídias envelhecem e morrem. E produzem lixo eletrônico extremamente difícil de ser eliminado,

³ Frase de Antonio Gramsci: A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer.

⁴ Museu Judaico, 2022

produzem afronta ao que permanece vivo. E o problema ambiental, é aquele assunto, lá do início, sobre o qual precisamos falar, não apenas os credenciados, os tarimbados, os que já falam, os especializados, os meritórios, mas todos, todas, todes.

Árvores vivem décadas, séculos, milênios. O Cipreste de Abarkuh, no Irã, tem idade estimada em 5 mil anos. A responsabilidade pela vida... bem, a responsabilidade pela vida é hoje uma grande irresponsabilidade, praticada por aqueles que esperneiam para não hajam responsabilidades impostas a eles.

Lucas Bambozzi, julho de 2022

Leituras cruzadas:

CANCLINI, Nestor. Consumidores e cidadãos. Trad. Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. Micropolíticas: cartografias do desejo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

HARAWAY, Donna. The promises of monsters: a regenerative politics for inappropriate/d others. Routledge, 1992.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

MANCUSO, Stefano. Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BRITOS, Vera; CHIZZOLINI, Bianca; PITOMBO, Rafaela. Verdejar ante a ruína. São Paulo : Ed. Anai Graciela Vera Britos, 2021.

SERRES, Michel. Filosofia Mestiça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

STERLING, Bruce. The Life and Death of Media. Palestra no 6º ISEA - International Symposium on Electronic Art. Montreal, 1995. Disponível em:
https://www.alamut.com/subj/artiface/deadMedia/dM_Address.html Acesso: 05 Jul 2022

Lucas Bambozzi é artista, diretor de cinema e pesquisador em novas mídias que produz trabalhos em vídeo, instalações e meios interativos. Seus trabalhos e filmes já foram exibidos em mais de 40 países, em organizações como o Moma (EUA), ZKM, Frankfurter Kunstverein (Alemanha), Arco Expanded Box (Espanha), ŠKUC gallery (Eslovenia), Museum of Modern and Contemporary Art (Rijeka, Croácia), WRO Media Art Biennale (Polônia), Centro Georges Pompidou (França), Bienal de La Habana (Cuba), ISEA Ruhr (Alemanha), ZERO1 Biennial (EUA), Ars Eletrônica (Áustria – com menção honrosa em 2010 e 2013), Bienal de Artes Mediales (Chile), Bienal da Imagem em Movimento (Argentina), 25ª Bienal de São Paulo dentre outras. Participou de festivais como o Videobrasil, É Tudo Verdade, FILE, Festival do Rio BR, Sundance e Slamdance (EUA), Impakt (Holanda), FID Marseille, Share (Itália), XX Videoformes (França), Emoção Art.Ficial, ON_OFF, IDFA, Festival de Cinema de Brasília e vários outros. Foi um dos criadores do Festival arte.mov (2006-2012), do Projeto Multitude (2014), do Labmovel (2012-2015), curador do projeto Visualismo (2015), Prenúncios e Catástrofes (2018) e AVXLab (2017-2020). Participa do coletivo Aparelhamento e da Galeria ReOcupa em redes de colaboração junto a movimentos sociais como o MSTC. Seus últimos projetos discutem a expansão de campos informacionais em espaço públicos. É doutor em Ciências pela FAUUSP e professor no curso de artes visuais na FAAP na pós-graduação em Imagem e Música na FASM, em São Paulo.

www.lucasbambozzi.net

Pode-se afirmar que as imagens estão sempre ao redor, mas realmente as observamos? Nesta exposição, Jp Accacio procura discutir as presenças imagéticas conjugando as ideias de paisagem, tempo e memória. Tanto suas fotografias como seus vídeos consistem em captações que variam entre algumas horas a alguns dias. Por meio de uma certa emulação irônica, seus trabalhos apresentam, de diferentes maneiras, sobreposições de acontecimentos.

A série que dá nome a exposição, Isso Foi, É e Será engloba fotografias do espaço privado. Nessas arqueologias da vida cotidiana, as imagens e os elementos que as compõem configuram-se como passagens. Tornam-se rastros de movimentos do dia-a-dia que inicialmente mostram-se despercebidos. Na mesma sala, é exibida uma Máquina do Tempo, que imprime as parciais cronológicas da duração da exposição e as agrupa num percurso circular.

Os vídeos e fotografias da série Imagens que Mentem (Mais) ampliam o olhar para a cidade. Refletem sobre ciclos contínuos em que muitas vezes não se sabe quando começa o dia ou quando a noite acaba. A observação destas paisagens urbanas evidencia a diversidade de possibilidades de narrativas ou, ainda, o que acontece quando parece que nada acontece.

Por fim, Jp Accacio visita uma casa que estava há muito tempo fechada. A Linda Casa Fechada de Alexandre Sequeira consiste em uma videoinstalação produzida em uma residência artística em Belém. Nessa casa temporária, o artista explora as fantasmagorias da memória em conjunto com os registros do seu processo de criação.

Os trabalhos da exposição Isso Foi, É e Será buscam elaborar poeticamente a desmontagem de um relógio. Desmontagem que também é irônica, que brinca com a expectativa de congelar o tempo por meio da captação de imagens. E, se parece que as imagens estão sempre lá, há também outros pontos de vista para observá-las. E, o que importa são as possibilidades.

Ananda Carvalho

Professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo

Doutora e Mestra em Comunicação e Semiótica

Curadora e crítica independente que já atuou em instituições como MIS, Paço das Artes e galerias de arte brasileiras